

PEREIRA, Jussivania de Carvalho Vieira Batista; BARROS, Solange Maria de. Violência nos presídios brasileiros: uma análise crítica do discurso. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.177-192, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

VIOLÊNCIA NOS PRESÍDIOS BRASILEIROS: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

VIOLENCE IN THE BRAZILIANS PRISONS: CRITICAL DISCOURSE ANALYSIS

Jussivania de Carvalho Vieira Batista Pereira¹
Solange Maria de Barros²

RESUMO: neste trabalho, temos por objetivo analisar os enunciados proferidos pelo Presidente da República, Michel Temer, e pelo Secretário Nacional da Juventude, Bruno Júlio, acerca da rebelião ocorrida entre facções criminosas e que resultou numa chacina de aproximadamente 60 homens, no dia 01 de janeiro de 2017, no Estado do Amazonas, mais precisamente na capital, Manaus. Os dados foram coletados através do jornal online (g1.globo.com), na seção Política. As matérias foram publicadas em janeiro de 2017. Para nortear a análise dos enunciados dessas autoridades, faremos uso da Análise Crítica do Discurso propagada por Fairclough (2003a), visando desvelar as questões ideológicas e forças hegemônicas que prevalecem no texto. Na análise da materialidade linguística, usaremos a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), de Halliday (2004), por considerarmos relevantes as escolhas linguísticas dos falantes. Faremos uso também da filosofia do Realismo Crítico, de Bhaskar (1989), para desvelar as estruturas, mecanismos e eventos. As análises preliminares revelam que os enunciados do presidente e do secretário carregam alto teor ideológico.

Palavras-chave: chacina, ideologia, hegemonia, discurso.

ABSTRACT: The purpose of this paper is to analyze the statements made by the President of the Republic, Michel Temer, and by the National Secretary of Youth, Bruno Julio, about the rebellion occurred between criminal factions which resulted in a massacre of about 60 men, on 1 January 2017, in the state of Amazonas, more precisely in the capital, Manaus. The data were collected through the online newspaper (g1.globo.com), in the Political section. The articles were published in January 2017. In order to guide the analysis of the statements of these authorities, we will use the Critical Analysis propagated by Fairclough (2003a), aiming at unveiling the ideological issues and hegemonic forces which prevail in the text. In the analysis of linguistic materiality, we will use Systemic Functional Linguistics (SFL), by Halliday (2004), because we consider relevant the speakers' linguistic choices. We will also use Critic Realism philosophy by Bhaskar (1989), to unveil the structures, mechanisms and events. The preliminary analyses reveal that the statements of the president and the secretary carry high ideological content.

Keywords: massacre, ideology, hegemony, discourse.

Introdução

Que o sistema penitenciário no Brasil está prestes a entrar em colapso não é nenhuma novidade, tendo em vista que, diariamente, temos ouvidos diversos relatos e lido reportagens sobre as condições de vida da população carcerária. O retrato que temos hoje é o seguinte: detentos cumprindo penas em condições desumanas, em absoluta falta de estrutura física, psicológica e social. Os presídios do Brasil são um verdadeiro amontoado de pessoas tentando cumprir sua sentença e, ao mesmo tempo, sobreviver às facções criminosas existentes no sistema penitenciário.

¹ Mestre em Estudos de Linguagem - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem – Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: jussivaniabatista@gmail.com

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem – Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: solbip@yahoo.com.br

PEREIRA, Jussivania de Carvalho Vieira Batista; BARROS, Solange Maria de. Violência nos presídios brasileiros: uma análise crítica do discurso. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.177-192, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

No início do ano de 2017, o Sistema Nacional de Segurança Brasileiro esteve o tempo todo em alerta, devido às rebeliões/chacinas ocorridas em diferentes pontos do país. Rebeliões tais como aconteceram em janeiro deste ano, haviam sido relatadas no Brasil apenas nos anos 90, na Casa de Detenção do Carandiru, resultando em 111 presos mortos.

As chacinas e rebeliões ocorridas ao longo de janeiro de 2017 ultrapassam os números de detentos mortos no massacre do Carandiru. Vejamos: presídio de Alcaçuz, localizado na cidade de Nísia Floresta – Rio Grande do Norte, em torno de 30 mortos; penitenciária agrícola de Monte Cristo, zona rural de Boa Vista, capital de Roraima, 31 presos mortos; complexo penitenciário Anísio Jobim em Manaus – Amazonas, 56 mortos.

Para este trabalho, nos concentraremos apenas na chacina ocorrida em Manaus, no dia 1 de janeiro de 2017, no complexo penitenciário Anísio Jobim, localizado na rodovia BR 174. Inaugurada em 1982, a penitenciária tinha capacidade máxima para atender 454 detentos, mas no dia da chacina havia no seu interior 1224 detentos cumprindo penas.

A rebelião desenfreada durou 17 horas, começou no pavilhão três, onde estava à facção Família do Norte (FDN) e terminou com a invasão do pavilhão onde estava a facção do Primeiro Comando da Capital, conhecida como PCC. O objetivo da rebelião era eliminar detentos integrantes do PCC, detentos da FDN que eram estupradores e outros presos que não pertenciam a nenhuma facção. Toda a chacina foi filmada pelo sistema de câmeras do complexo penitenciário; os rebelados, em momento algum, preocuparam-se em quebrar as câmeras, pois, de certa forma, gostariam que tudo fosse visto pelas autoridades. Além do massacre sangrento, mais de 120 presos fugiram do presídio Anísio Jobim.

Dito isto, o objetivo deste artigo é analisar os enunciados do Presidente da República Federativa do Brasil, Michel Temer, e também do Secretário Nacional da Juventude, filiado ao PMDB, Bruno Júlio, acerca da chacina ocorrida no estado do Amazonas, na capital Manaus. O interesse em analisar os enunciados é devido à grande repercussão que os pronunciamentos desses políticos tiveram em âmbito nacional.

Para nortear a análise dos dados, usamos a filosofia do Realismo Crítico (RC), de Bhaskar (1989), acerca da estrutura, mecanismos e eventos. Na Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001, 2003a), faremos uso dos conceitos de ideologia e hegemonia. Para a análise da materialidade linguística, consideraremos a teoria da Linguística Sistêmico-Funcional, proposta por Halliday (2004). Por meio do sistema de transitividade, será possível compreender o porquê de cada escolha lexical apresentada pelos locutores.

Mecanismos, eventos e estruturas

Segundo Bhaskar (1989), a realidade é compreendida como complexa, estruturada e estratificada, de tal modo que aquilo que se apresenta à observação em determinado nível é concebido por poderes característicos às interações dos elementos implícitos.

A vida sociável que o realismo crítico compreende não é um sistema fechado, e, sim, um sistema aberto, em que todo e qualquer evento é regido por mecanismos de poderes. Nas palavras de Bhaskar (1998 p. 22), “A necessidade de distinções categóricas entre estruturas e eventos, e entre sistema aberto e fechado são índices de estratificação e diferenciação do mundo, ou seja, uma ontologia filosófica realista transcendental”.

Na corrente do RC, o mundo é um sistema aberto com duas proporções científicas, que possuem fatores operantes ao mesmo tempo: uma é a dimensão transitiva e a outra, a dimensão intransitiva, inerentes a todas as ciências, sejam elas naturais ou sociais.

A dimensão transitiva se identifica em um objeto, é causa material ou o conhecimento prévio resultando em um novo conhecimento (dimensão epistemológica). Para Barros (2015, p. 28), essa dimensão “depende de conhecimentos anteriores e da atividade do ser humano”. Nesse sentido, Miranda (2014, p. 24) assegura que o objeto é a real estrutura ou mecanismo existente que age na produção do conhecimento, realizada pelos sujeitos.

Logo, a dimensão intransitiva está relacionada com o conhecimento de cada indivíduo sobre a realidade e acerca dos objetos (dimensão ontológica). Ainda de acordo com Barros (2015, p. 28), “há objetos intransitivos que existem anteriores à pesquisa, cuja realidade independe de nosso conhecimento”.

Três níveis de domínios da realidade

	Real	Realizado	Empírico
Mecanismos	✓		
Eventos	✓	✓	
Experiências	✓	✓	✓

Fonte: Barros, 2015, p. 35

Bhaskar exemplifica que as estruturas sempre são reais e existem independentemente dos padrões de eventos (BARROS, 2015, p. 35). Nessa mesma vertente, Barros (2015), assevera que, para apreender os objetos e suas estruturas, mecanismos e eventos são necessários pen-

PEREIRA, Jussivania de Carvalho Vieira Batista; BARROS, Solange Maria de. Violência nos presídios brasileiros: uma análise crítica do discurso. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.177-192, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

sar a “causalidade” não apenas como uma relação cercada de eventos (causa e efeito), mas como “poderes causais”, isto é, como potencialidades que podem ou não ser exercitadas (BARROS, 2015, p. 35).

Ao explicarmos fatos que ocorrem no mundo, é praticamente impossível observar os mecanismos utilizados para que acontecessem, uma vez que é preciso levar em conta os modos de operação não manifestados e não realizados (BARROS, 2015). Vale lembrar que os eventos, estruturas e mecanismos acontecem de forma complexa. Assim, segundo Barros (2015), quando os mecanismos são ativados, produzem determinados efeitos, dependendo de outros mecanismos que podem existir. Os mecanismos são ativados a partir das estruturas e sobrevivem através delas.

Segundo Papa (2008), o RC preceitua a compreensão da intensidade dos níveis da realidade, em que se “ocultam” os determinantes causais, e nos quais se inserem seus agentes causais e seus poderes. Trazendo a rebelião para esse contexto, temos uma realidade oculta que são as estruturas administrativas do presídio com seus poderes causais. Essas estruturas trazem junto mecanismos (semioses), os quais operam nos eventos, neste caso a rebelião.

Análise Crítica do Discurso – Ideologia e Hegemonia

Fazer análise de discurso é descrever, interpretar e explicar como a vida social se realiza por meio da manifestação linguística, uma vez que o discurso consiste numa prática social interconectada com outras, igualmente importantes, que funcionam como partes constituintes da sociedade (FAIRCLOUGH, 2003). Com essa percepção, na década de 1980, Norman Fairclough, da Universidade de Lancaster, propagou uma abordagem nomeada de “Critical Discourse Analysis”.

Como demonstram Fairclough (2003a) e Chouliaraki e Fairclough (1999), a proposta da Análise Crítica do Discurso, abreviada ACD insere-se na tradição da ciência crítica social, empenhada em proporcionar suporte científico para questionamentos de problemas sociais relacionados a poder e justiça. Conforme esses autores, o objetivo da ACD é refletir sobre a mudança social contemporânea, tanto sobre mudanças globais de larga escala quanto sobre as possibilidades de práticas sociais emancipatórias em estruturas cristalizadas na sociedade.

Para compreender a concepção de discurso no âmbito dessa perspectiva analítica, ACD, na explanação de Fairclough (1989, 1995, 2001, 2003a) e Chouliaraki e Fairclough (1999), é preciso entender que a ADC é uma abordagem interdisciplinar para estudos críticos da linguagem como prática social (VIEIRA; RESENDE, 2016, p.14).

Segundo Fairclough (2001, p. 10), existe um movimento do discurso para [a] prática social, ou seja, a centralidade do discurso como foco dominante da análise passou a ser questionada, e o discurso passou a ser visto como um momento das práticas sociais. Assim, nas palavras do autor, o discurso é entendido como:

Forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexa de variáveis institucionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. [...] Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Nesse sentido, Barros (2015) define práticas sociais como uma conexão de diversos componentes sociais, coligado à uma área da vida social, a exemplo da prática social de sala de aula, de reuniões empresariais, etc.

Segundo Fairclough (2003a), os três níveis da linguagem, enquanto momentos da vida social realizam-se em determinados meios sociais, são determinados pelos discursos, são dinâmicos e estão em constante transformação. Assim, conforme o autor, os agentes sociais são influenciados pelas estruturas sociais abstratas, podendo, ou não, por meio de pequenas fissuras, motivados por pensamentos críticos transformadores, romper com os laços hegemônicos e provocar significativas mudanças, tanto nas práticas quanto nas estruturas sociais.

O autor estabelece um diálogo entre a Análise Crítica do Discurso (ACD) e a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) para explicar não apenas a função da língua, mas também a produtividade de significados e seus potenciais de significações.

Fairclough (2003) opta por tratar de três tipos principais de significado do discurso, a saber, *Acional*, *Representacional* e *Identificacional*, em vez de falar em macrofunções/LSF. O autor relaciona a multifuncionalidade da linguagem à tríade que sustenta sua obra: *gêneros*, *discursos* e *estilos*. Fairclough (2003) defende que os significados, por ele definidos estão copresentes nos textos, numa relação dialética, da mesma forma que as macrofunções, na perspectiva da LSF. Porém, para esta análise utilizaremos apenas o significado representacional.

O **significado representacional** está vinculado ao conceito de **discurso** como uma maneira de representar os aspectos do mundo. Esse autor (2003a, p. 230) ressalta que os significados das palavras e lexicalização não são construções individuais, mas variáveis socialmente construídas e socialmente contestadas; são, portanto, facetas de processos sociais e culturais mais amplos.

PEREIRA, Jussivania de Carvalho Vieira Batista; BARROS, Solange Maria de. Violência nos presídios brasileiros: uma análise crítica do discurso. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.177-192, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

A interdiscursividade ou intertextualidade constitutiva está relacionada com as identificações dos diferentes discursos articulados e a forma como são articulados em um texto (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003a).

A luta hegemônica travada no/pelo discurso é uma das maneiras de se instaurar e manter a hegemonia. Quando o abuso do poder é instaurado e mantido por meio de significados discursivos, está em jogo a ideologia (VIEIRA; RESENDE, 2016, p. 26).

Segundo Fairclough (1989, p. 1), ideologias são “pressuposições do senso comum implícitas nas convenções de acordo com as quais as pessoas interagem linguisticamente e das quais as pessoas não estão conscientes”. Dessa forma,

A ideologia é mais efetiva quando sua ação é menos visível. Se alguém se torna consciente de que um determinado aspecto do senso comum sustenta desigualdades de poder em detrimento de si próprio, aquele aspecto deixa de ser senso comum e pode perder a potencialidade de sustentar desigualdades de poder, isto é, funcionar ideologicamente (FAIRCLOUGH, 1989, p.85).

Nessa perspectiva, sujeitos são levados a reproduzir ideologias irrelevantes para eles e maléficas para os outros, por conta da naturalização das práticas discursivas ideológicas.

O tempo todo, podemos notar lutas hegemônicas travadas dentro de práticas discursivas repletas de ideologias, como entre a igreja e a medicina, a igreja e a união estável, em que os sujeitos envolvidos querem sustentar suas verdades num conjunto de relações de poderes. Para Fairclough, hegemonia,

Tanto quanto dominação nos domínios econômicos, político, cultural e ideológico de uma sociedade, é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar consentimento (FAIRCLOUGH, 2008, p. 122).

Para manter a hegemonia, o grupo dominante precisa assegurar os grupos mais próximos e naturalizar essa dominação em torno deles; daí surge à importância dos aparelhos ideológicos, como igreja, escola, universidade, imprensa. Às vezes, é preciso o uso da força, seja ela física ou simbólica, para manter essa hegemonia.

Se a hegemonia está relacionada com o poder exercido sobre o funcionamento dos aparelhos ideológicos do estado, todo discurso, principalmente o dos intelectuais a serviço da classe dominante, é repleto de poder. De acordo com a interpretação proposta por Fairclough (2001), uma das funções fundamentais de análise de poder é a de descrever reflexivamente as práticas discursivas como um modo de luta hegemônico e ideológico que reproduz e reestrutura

PEREIRA, Jussivania de Carvalho Vieira Batista; BARROS, Solange Maria de. Violência nos presídios brasileiros: uma análise crítica do discurso. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.177-192, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

as ordens de discursos e as práticas vigentes na sociedade contemporânea (FAIRCLOUGH, 2001).

Linguística Sistêmico-Funcional – LSF e Transitividade

A LSF teve seu início por volta século XX, por meio do antropólogo Bronislaw Malinowski (1884 – 1932), ao estabelecer que a língua é uma das mais importantes manifestações de cultura de um povo. A relação entre língua e uso em contexto real de situação influenciou o linguista John Rupert Firth (1890 – 1960), que passou a fazer as primeiras sistematizações dessa gênese da linguagem. Seguindo essa linha, um aluno de Rupert – o linguista britânico M. A. K. Halliday (1925) – desenvolveu as teorias do mestre na década de 60, denominada de Gramática de Escalas e Categorias. Dessa época até os dias atuais, a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) tem sido divulgada em grande escala de publicações. No livro “An Introduction to Functional Grammar”, elaborado por Halliday em 1985 e revisado em 1994, é possível encontrar categorias léxico-gramaticais capazes de difundir a perspectiva teórica da LSF.

Conforme Gouveia (2009), a LSF é uma teoria de descrição gramatical, uma técnica e uma metalinguagem que são úteis para a análise de textos e que, em adicional, pode ser encarada como um modelo de análise textual.

Segundo Halliday (1994), todo e qualquer uso que fazemos do sistema linguístico é funcional relativamente às nossas necessidades de convivência em sociedade. Ao conceber sua gramática, esse linguista preconizou uma divisão da linguagem em metafunções que resumem os três tipos de significados realizáveis (ideacional, interpessoal e textual) e decorrem do contexto de situação e cultura em que a interação ocorre.

A gramática funcional, de acordo com Furtado da Cunha e Souza (2007, p. 23), dispõe-se a desvelar, por meio do estudo das sequências linguísticas, os significados que estão codificados por essas sequências, já que, para essa abordagem de estudos da linguagem, cada sentença expressa três significados simultaneamente: o ideacional, o interpessoal e o textual

A metafunção **ideacional**, ligada à dimensão de **campo**, é representada de modo que a linguagem expresse o conteúdo, a vivência do falante, do mundo exterior e de seu próprio mundo interior. A metafunção **interpessoal** – correspondente à dimensão da **relação**-representa a interação e os papéis assumidos pelos participantes diante do sistema de modo e modalidade.

PEREIRA, Jussivania de Carvalho Vieira Batista; BARROS, Solange Maria de. Violência nos presídios brasileiros: uma análise crítica do discurso. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.177-192, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

Relacionada ao modo, a metafunção **textual** organiza o fluxo dos textos por meio de uma organização do sistema temático, através do sistema de tema/rema.

O significado representacional dos textos inclui aspectos do mundo físico – objetos, relações etc. – e aspectos do mundo mental – pensamento, sentimentos, sensações (FAIRCLOUGH, 2003a). Este tipo de significado está fundamentado na representação do mundo em forma de discurso. Fairclough aliou sua teoria, a ACD, com a de Halliday, a LSF, com o intuito de que sua teoria não tivesse apenas caráter sociológico, mas também que dispusesse de recursos para a análise da materialidade linguística, enfatizando que, em qualquer enunciado, os três significados do discurso ocorrem de modo simultâneo.

Articulado a esses conceitos está o sistema de transitividade, o qual, nas palavras de Givón (2001), é um fenômeno complexo que envolve os componentes sintático e semântico. A transitividade é compreendida pela LSF como a gramática da oração, como uma unidade estrutural que serve para expressar uma gama particular de significados ideacionais e cognitivos; retrata a realidade expressa no discurso das ações humanas por meio dos seus principais papéis de transitividade: processos, participantes e circunstâncias, “que permitem analisar *quem faz o quê, a quem e em que circunstâncias*” (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2007, p. 54).

Pelo sistema de transitividade, existem seis tipos de processos (verbos), sendo três primários – materiais, mentais, relacionais – e três processos secundários: verbais, comportamentais e existenciais. Nas palavras de Furtado da Cunha e Souza (2011), processos são os elementos responsáveis por codificar ações e eventos, estabelecer relações, exprimir ideias e sentimentos, construir o dizer e o existir: realizam-se através de sintagmas verbais. A oração estabelece mudanças conforme o processo e os participantes envolvidos. Processos e participantes são obrigatórios da oração, havendo ainda, em alguns casos, circunstâncias que tendem a auxiliar os processos.

Processos materiais são processos de fazer, relacionados a ações do mundo físico, (HALLIDAY, 1994). Nessa esteira, os processos materiais são responsáveis pela criação de uma sequência de ações concretas, tanto criativas como transformativas (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004).

Processos relacionais, conforme Gouveia (2009) expressa à noção de ser e estar em relação a alguma coisa. Nesse tipo de oração sempre existirão dois participantes inerentes. Já **os processos mentais** são os processos de sentir (HALLIDAY, 1994, p. 112) e são referentes ao nosso mundo interior. Isso significa que esses processos estão relacionados com as ações que se

PEREIRA, Jussivania de Carvalho Vieira Batista; BARROS, Solange Maria de. Violência nos presídios brasileiros: uma análise crítica do discurso. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.177-192, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

iniciam no mundo material e seguem o fluxo de nosso pensamento (consciência) (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004, p. 197).

Os **processos verbais** referem-se aos verbos que expressam o dizer; são os processos do comunicar, do apontar. Situam-se entre os relacionais e os mentais, externando relações simbólicas construídas na mente e expressas em forma de linguagem (cf. HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004).

Processos existenciais são classificados por Halliday e Mathiessen (2004) como aquelas que representam algo que existe ou acontece. Esses autores (2004, p. 248) definem os **processos comportamentais** como “processos de comportamento (tipicamente humano) fisiológico e psicológico, como respirar, tossir, sorrir, etc.”.

Último componente do sistema de transitividade são as circunstâncias, que se realizam gramaticalmente por advérbios ou sintagmas adverbiais, e referem-se às condições de realização dos processos, podendo transitar por todos eles e, muitas vezes, localizar os processos no tempo e no espaço.

Em suma, a análise da transitividade leva em consideração três aspectos: seleção do processo, dos participantes e das circunstâncias. A junção desses aspectos possibilita uma visualização das experiências apresentadas nos textos que contribuem para a construção de significados.

Metodologia

Os dados para análise, compostos por quatro enunciados, foram coletados de duas reportagens acerca de chacina no presídio de Manaus, no dia 1 de janeiro de 2017, retirados do jornal online (G1. globo.com), na seção de Política. A entrevista com o presidente do Brasil, Michel Temer, foi intitulada de “Temer afirma que chacina no presídio de Manaus foi 'acidente pavoroso’” publicada no dia 5 de janeiro de 2017. Já a entrevista com o secretário Nacional da Juventude, Bruno Júlio, recebeu a seguinte manchete: “Secretário da Juventude de Temer diz que 'tinha era que matar mais' nos presídios”, com data de publicação do dia 6 de janeiro de 2017.

As reportagens são bem extensas e detalhadas sobre diversos outros assuntos. Para a análise dos dados, selecionamos recortes de alguns enunciados que consideramos mais relevantes para o tema discutido neste artigo.

Análise dos dados

A chacina ocorrida em Manaus, com certeza, acendeu um alerta para as políticas públicas e toda a sociedade. Muitos discursos ecoaram acerca das mortes dos detentos. Alguns deles preferem culpar os presos, lembrando que se eles estão aprisionados é porque cometeram algum ato infracional. Há quem diga que a culpa é do sistema público, que deixou os cuidados do sistema penitenciário sob a responsabilidade de uma empresa terceirizada.

Dentre os discursos emitidos no ato da chacina, selecionamos quatro para análise. Neste primeiro, o secretário Bruno faz considerações acerca da chacina e do que deveria acontecer com os detentos.

Excerto 1

Eu **sou** meio coxinha sobre isso. **Sou** filho de polícia, não é? **Sou** meio coxinha. Tinha, era que **matar** mais. Tinha que **fazer** uma chacina por semana. (Bruno Júlio, entrevista G1. globo, 06 de janeiro de 2017)

Ao usar o processo relacional atributivo ‘*sou*’, Bruno denota para si o atributo coxinha. Coxinha é uma gíria paulistana³ atribuída à pessoa que tem valores morais altíssimos, digamos, o “certinho”. Ao adotar essa posição de coxinha, o Secretário remete a um discurso de quem não gosta dos detentos, pois estar no sistema penitenciário vai de encontro às leis que regem a sociedade, ou seja, cometer crimes não é uma atitude aceita nem aceitável.

Já no processo relacional identificativo ‘*sou*’, temos um identificador filho de polícia. Ao mencionar que é filho de polícia, o Secretário aponta mais uma vez para a recorrência de coisas corretas. Na sociedade, a polícia é vista como quem assegura à ordem, a moral, a integridade física e patrimonial, enfim, é tida como protetora. Sendo assim, ao se identificar como filho de polícia, ele se autodenomina como uma pessoa certa, incapaz de aceitar quaisquer atos que vão contra a ordem, a moral e a segurança. Depreende-se, desse modo, ao analisar a fala de Bruno, que, se ocorreu uma chacina, não foi nada mais do que merecido, porque quem estava no presídio eram pessoas que cometeram crimes.

Ao usar o modalizador ‘*tinha que*’, o Secretário se posiciona com a atitude que deveria ser tomada com os sistemas penitenciários brasileiros. Fairclough (2001) sugere uma relação entre modalidade e hegemonia: o uso restrito de elementos modalizantes e a predileção por modalidades categóricas e por modalidades objetivas permitem que perspectivas parciais (discursos particulares) sejam universalizadas. Assim, a modalidade subjetiva denota o grau de

³ <http://www.dicionarioinformal.com.br/coxinha/>

PEREIRA, Jussivania de Carvalho Vieira Batista; BARROS, Solange Maria de. Violência nos presídios brasileiros: uma análise crítica do discurso. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.177-192, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

afinidade expressa do falante, e por ser Secretário Nacional da Juventude, por se dizer filho de polícia, o enunciador revela que tem autonomia e autoridade para dizer o que deve ser feito com os presos em Manaus. Esse uso de modalidade parece desvelar uma intolerância aberta por parte do Secretário em relação aos presos, uma não aceitação do outro.

Com base no Marxismo e nos estudos de Thompson (2002), a Análise Crítica do Discurso sempre relaciona a ideologia ao poder e à dominação de classes. Thompson (1995, p. 76) assegura que a ideologia “pode operar através do ocultamento e do mascaramento das relações sociais, através do obscurecimento ou da falsa interpretação das situações”. Então, ao proferir esse enunciado, Bruno Júlio, por ser uma figura pública e por ser filho de polícia, ao invés de pensar em políticas públicas que invistam na ressocialização dos apenados, afirma que a maneira mais viável é a extinção dos mesmos, remetendo a discursos de exclusão social.

Processos materiais implicam uma força realizada por um participante inerente – ator que desenvolve uma ação levando a um resultado diferente do estágio inicial. Dessa forma, ao utilizar os processos materiais ‘matar’ e ‘fazer’, o Secretário é o participante inerente que menciona como ações devem ocorrer, e a meta estabelecida no enunciado é que aconteça uma chacina sempre, assim todos os apenados seriam mortos e os problemas dos presídios seriam resolvidos.

A seguir, apresentamos outro enunciado em que o Secretário expõe novamente sua opinião sobre o que deveria acontecer com os detentos do presídio Anísio Jobim em Manaus.

Excerto 2

Isso que me **deixa** triste. Olha a repercussão que esse negócio que o presídio **teve** e ninguém está se **importando** com as meninas que **foram** mortas em Campinas. Elas, que não têm nada a **ver** com nada, que se explodam. Os santinhos que **estavam** lá dentro, que **estupraram** e **mataram**: Coitadinhos, oh, meu Deus, não fizeram nada! Para, gente! Esse politicamente correto que está virando o Brasil está ficando muito chato. Obviamente que tem de **investigar**, tem que **ver...** (Bruno Júlio, entrevista G1. globo, 06 de janeiro de 2017).

Ao fazer uso do processo comportamental ‘*deixa*’, o Secretário Nacional da Juventude elucida seu comportamento psicológico perante a chacina ocorrida, numa demonstração de tristeza. Em seguida, há em sua fala a utilização do processo relacional *teve*, para mencionar quão grande foi à repercussão da chacina em Manaus, e faz uma relação com outra chacina⁴ ocorrida na mesma noite na cidade de Campinas, no estado de São Paulo. O processo mental ‘*importan-*

⁴ Na noite de 31 de janeiro, um homem invadiu uma casa em Campinas- SP, onde estava acontecendo uma festa de *réveillon*, e disparou contra 15 pessoas, matando nove mulheres, dentre elas a ex-esposa; morreu também um homem, uma criança (filho do atirador); em seguida, o atirador suicidou-se, totalizando doze mortes.

PEREIRA, Jussivania de Carvalho Vieira Batista; BARROS, Solange Maria de. Violência nos presídios brasileiros: uma análise crítica do discurso. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.177-192, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

do’ aparece para demonstrar o grau de relevância atribuído a cada chacina. Nas palavras de Bruno Júlio, o poder público e as pessoas estavam dando atenção maior para a chacina dos detentos que à chacina de Campinas, o que, em sua visão, está errado.

Os processos relacionais atributivos têm um dos participantes com identificação determinada. Então, no processo relacional atributivo *‘estavam’*, juntamente com a circunstância de localização *‘lá dentro’* (presídio), temos o atributo que o Secretário dá aos apenados: *‘os santinhos’*. Esse atributo é utilizado de forma irônica, posto que, ao continuar o enunciado, temos os processos relacionais identificativos *‘estupraram’* e *‘mataram’* para identificar os comportamentos dos detentos antes de irem para trás dos muros do presídio Anísio Jobim.

Como analisado acima, os enunciados do Secretário Nacional da Juventude corroboram práticas discursivas que em nada contribuem para que ações públicas sejam direcionadas com o intento de salvaguardar quem cumpre pena nos presídios brasileiros. Mas no final do enunciado, há o emprego do processo mental *investigar* e do processo material *ver* para justificar que, apesar de Bruno Júlio não concordar com a dimensão que a chacina tomou, precisa ser investigada, a fim de procurar os culpados.

A seguir, analisaremos o enunciado do Presidente do Brasil, Michel Temer, que, diferentemente do enunciado de Bruno Júlio, caracteriza-se por amenizar o evento ocorrido, com escolhas lexicais cuidadosas.

Excerto 3

“Eu quero numa primeira fala, mais uma vez, solidarizar-me com as famílias que tiveram seus presos vitimados naquele acidente pavoroso que ocorreu no presídio de Manaus”. (Presidente Michel Temer, entrevista G1. globo, 5 de janeiro de 2017)

As orações mentais estão relacionadas aos processos ligados à nossa experiência de mundo; esse tipo de processo muda a percepção da realidade, não as ações. Assim, ao utilizar os processos mentais *querer* e *solidarizar*, o Presidente do Brasil suaviza a chacina e toma para si a dor das famílias. Como se ele experienciasse os fatos ocorridos, conduta que se espera de uma pessoa pública de grande importância no nosso país, é essa atitude a de se colocar no lugar do outro. Apesar de Michel Temer levar cinco dias para se pronunciar sobre o ocorrido!

A posição de Presidente da República do Brasil o coloca numa estrutura (detentor de poder) que poderia gerar outros mecanismos para que eventos como o ocorrido no presídio de Manaus pudessem ser evitados. Mas, ao invés disso, a administração da estrutura (presídio) foi delegada a uma empresa terceirizada, que, segundo alguns relatos que lemos, sequer oferecia treinamento para a atuação dos agentes penitenciários. Não podemos afirmar que apenas a falta de treinamento tenha sido um dos motivos da chacina, mas juntemos a isso uma série de outros

PEREIRA, Jussivania de Carvalho Vieira Batista; BARROS, Solange Maria de. Violência nos presídios brasileiros: uma análise crítica do discurso. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.177-192, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

fatores, como a entrada de armas, drogas, celulares, e teremos os mecanismos que tocaram as estruturas, resultando no evento que aconteceu de forma sangrenta, no qual diversas vidas foram ceifadas com requinte de crueldade. Não queremos defender ou acusar os detentos por suas ações, mas só o fato de estarem aprisionados já significa que estavam pagando pelos crimes que cometeram estamos observando o episódio com uma visão humanística.

Os processos relacionais identificativos têm como participantes: o identificado e o identificador. No enunciado, o processo relacional identificativo *'tiveram'* relaciona e caracteriza o fato ocorrido, sendo o presidente o identificador do ocorrido e *'seus presos vitimados'* o fato identificado. Ao identificar os detentos, Michel Temer usa o léxico *'vitimados'* para amenizar a dor da família e também para mencionar que os presos foram vítimas de um acidente que poderia acontecer em qualquer lugar, mas que, devido a lutas hegemônicas dentro da administração do sistema prisional brasileiro, houve um favorecimento para que tal evento acontecesse.

Já os processos existenciais são utilizados para representar algo que existe ou acontece. No enunciado acima, temos a ocorrência do processo existencial *'ocorreu'* para mencionar a chacina, mas, que, na interpretação de Michel Temer, não passou de um acidente pavoroso. Pode até ter sido um acidente, mas um acidente planejado e premeditado, porque, se o governo delega a responsabilidade da administração de presídios – entidades públicas - para uma empresa terceirizada, os órgãos públicos estão deixando de priorizar o sistema penitenciário.

As circunstâncias acrescentam significados à oração, descrevendo o contexto da realização do processo, associando o acontecimento do evento no tempo, no espaço, modo ou causa. No enunciado acima, temos uma circunstância de espaço, ou seja, onde o evento aconteceu: presídio de Manaus. Sobre a administração do presídio onde aconteceu a chacina, o Presidente do Brasil fez o seguinte pronunciamento, analisado a seguir:

Excerto 4

Vocês **sabem** que lá em Manaus o presídio **era** terceirizado, **era** privatizado e, portanto, não **houve**, por assim **dizer**, uma responsabilidade muito objetiva, muito clara, muito definida dos agentes estatais (Presidente Michel Temer, entrevista G1. globo, 5 de janeiro de 2017).

As orações mentais acrescentam uma mudança na percepção que se tem da realidade. Dessa forma, ao utilizar o processo mental *'sabem'*, Temer fornece ao leitor uma informação nova acerca da administração do presídio onde ocorreu a chacina; então, temos o seguinte: experienciador: *'vocês'*, e fenômeno, aquilo que é sentido ou experienciado *'lá em Manaus'*.

Já as orações relacionais atributivas constroem relações abstratas entre duas entidades. Assim, o processo relacional atributivo ‘*era*’, no enunciado acima, tem como portador o presídio e como atributos ‘*terceirizado e privatizado*’. Ao fazer uso desse processo e desses atributos de forma enfática, o presidente afirma como procedia a administração do presídio.

O uso da polaridade negativa ‘*não*’, juntamente com o processo existencial ‘*houve*’, retira do Estado à responsabilidade da chacina. Ao mencionar anteriormente que o presídio era administrado por uma empresa terceirizada, rapidamente a estrutura política retira de si os mecanismos que foram gerados para que o evento chacina acontecesse. Ou seja, não era uma administração pública que possuía controle sobre o que entrava e saía do presídio, mas uma empresa terceirizada.

Não podemos culpar apenas as empresas terceirizadas pelas chacinas nos presídios brasileiros, porque o governo tem uma parcela de culpa ao não propor políticas públicas de ressocialização capazes de engajar os indivíduos que voltam ao convívio da sociedade. Por isso, os apenados estão fazendo justiça com as próprias mãos ao se matarem.

Os processos verbais fornecem subsídios a diversos discursos; por terem característica de fala (FUZER; CABRAL, 2014), têm por núcleo processual o verbo dizer. Os participantes desse tipo de processo são o dizente e a verbiagem. No enunciado, o dizente é representado pelo presidente ‘*Michel Temer*’ e a verbiagem é ‘*uma responsabilidade muito objetiva, muito clara, muito definida dos agentes estatais*’. Ao utilizar o processo *dizer*, juntamente com o léxico *por assim*, esse ator constrói a autoafirmação de que não existe responsabilidade por parte da instância pública em relação à chacina.

Conclusão

Neste artigo, procuramos desvelar, por meio da análise linguística dos enunciados dos políticos, os significados construídos pelos textos por meio do sistema de transitividade acerca da chacina sangrenta que ocorreu no estado do Amazonas. No primeiro enunciado, observa-se a incitação para que mais chacinas aconteçam, extinguindo dessa forma, todos os detentos do Brasil. Já no segundo enunciado, temos um discurso de solidariedade, que em nada se compara com o primeiro. Isso ocorre porque Michel Temer, em momento algum, refere-se à chacina, mas qualifica o episódio como um acidente.

Para que um evento aconteça, é necessário que mecanismos sejam gerados para que toquem nas estruturas causando, assim, determinados efeitos. Mecanismos, eventos e estruturas ocorrem de forma conjunta. Portanto, quando um mecanismo é acionado, são gerados efeitos,

PEREIRA, Jussivania de Carvalho Vieira Batista; BARROS, Solange Maria de. Violência nos presídios brasileiros: uma análise crítica do discurso. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.177-192, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

que precisam de outros mecanismos para que o evento aconteça, lembrando que os mecanismos são acionados por meio das estruturas e necessitam delas para sobreviverem. Trazendo a chacina de Manaus para esse contexto, temos o seguinte: as estruturas administrativas e físicas do presídio Anísio Jobim, os detentos como mecanismos que tocaram nas estruturas, seja de forma física ou emblemática ao surpreender todos, decepando rivais e outros presos, e os recursos utilizados (a rebelião, as facas, as foices etc.) pelos apenados também são mecanismos que geraram o evento chacina.

Não apenas presos/detentos sofrem com diferenças político-ideológicas, com as ações dos mecanismos que movem as estruturas para que os eventos aconteçam, mas também os índios, os periféricos, os negros, os imigrantes, os homossexuais, os idosos, as mulheres, enfim, uma multidão de segregados que, na visão do dominador, nem deveriam viver. Sofrem pela não inserção e pela não aceitação e, no caso dos apenados, pelo descrédito em sua capacidade de ressocialização e em sua volta ao convívio da sociedade.

Destarte, os discursos são formas de representações dos fatos acontecidos no mundo que também contribuem para intercessão sobre o mesmo. Através da análise linguística e representacional dos textos, é possível verificar não apenas as visões ideológicas, como também as relações hegemônicas entre dominantes e subalternos.

Referências

- BARROS, S. M. *Realismo Crítico e emancipação humana: contribuições ontológicas e epistemológicas para os estudos críticos do discurso*. Campinas: Pontes, 2015.
- BHASKAR, R. *Uma Teoria Realista da Ciência*. Trad. Rodrigo Leitão. Niterói: UFF, 2000.
- _____. *Uma Teoria Realista da Ciência*. Tradução de Rodrigo Leitão. Niterói: UFF, 1998.
- _____. *The possibility of naturalism*. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1989.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. *Transitividade e seus contextos de uso*. Vol 2. São Paulo: Cortez, 2011.
- _____. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014. 228 p

PEREIRA, Jussivania de Carvalho Vieira Batista; BARROS, Solange Maria de. Violência nos presídios brasileiros: uma análise crítica do discurso. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.177-192, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

FAIRCLOUGH, N. The discourse of new labour: Critical Discourse Analysis. In: M. WETHERELL, S. TAYLOR & S. J. YATES (eds.) *Discourse as data: a guide for analysis*. London: Sage, 2001.

_____. *Discurso e mudança social*. Tradução Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

_____. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. 1st. ed. London: Routledge, 2003.

_____. *Language and Power*. London: Longman, 1989

GIVÓN, T. *Syntax*, v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GOUVEIA, C. A. M. Texto e Gramática: uma Introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. *Matraga*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 13-47, jan./jun. 2009.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. MATTHIESSEN, C. *An Introduction to Functional Grammar*. 3 ed. London, New York: Oxford University Press, 2004.

MIRANDA, K. A. *Adolescentes e Jovens em vulnerabilidade social: um estudo crítico das representações de atores sociais*. 160 pg. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2014.

PAPA, S. M. de B. *Prática Pedagógica Emancipatória: o professor reflexivo em processo de mudança. Um exercício em análise crítica do discurso*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2008.

THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna-Teoria Social na era dos meios de comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Vozes Editora, 1995.

VIEIRA, V. RESENDE, V. *Análise de discurso (para a) crítica: O texto como Material de pesquisa*. Coleção Linguagem e Sociedade, v. 1, Campinas, SP: Pontes Editores, 2. ed., 2016.

Recebido em agosto de 2017.

Aceito em outubro de 2017.